

Resenha

Recebido: 28.11.2020

Aprovado: 07.02.2021

Publicado: 23.07.2021

DOI <http://dx.doi.org/10.18316/REDES.v9i2.7877>

“O progressista de ontem e do amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias”,
de Mark Lilla

Douglas Kauê Romualdo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5876-4589>

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

O livro “O progressista de ontem e do amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias”, do Cientista Político e Jornalista Mark Lilla, propõe realizar uma análise sobre as políticas sociais e identitárias dos Estados Unidos que foram implementadas nos últimos governos por políticos liberais norte-americanos. O autor desenvolve, ao longo de 4 capítulos – intitulados: (a) “Introdução: a abdicação”; (b) “Antipolítica”; (c) “Pseudopolítica”; (d) “Politica”; (e) “Agradecimentos”, suas teses para demonstrar como o desalento econômico, fruto da crise econômica iniciada em *Wall Street*, e o aumento de políticas identitárias foram combustíveis de crescimento de uma nova classe política popular de direita nos Estados Unidos. Mark Lilla propõe, baseando-se neste evento, a construir uma narrativa da decadência no fazer político, já que a construção de políticas legislativas deixou de se basear na priorização de um bem comum de toda sociedade para viabilizar e priorizar a positivação de princípios e políticas identitários.

Introdução: a abdicação

Mark Lilla inicia sua abordagem em uma tentativa de demonstrar ao leitor como os liberais abdicaram de construir uma visão de bem comum adaptada às novas realidades sociais internas dos Estados Unidos e da sua população, para priorizar políticas identitárias. Na sua visão, este ideal identitário impede a

construção de uma noção que possa unir as pessoas como nação, que trate todos de maneira igualitária. As ideias identitárias na visão do autor foram colocadas em prática e absorvidas pelo mundo acadêmico e por camadas mais intelectuais da sociedade, focando na construção de pautas políticas de grupos minoritários, como, por exemplo, negros, mulheres, LGBTQIA+. O escritor defende que esta prática criou mais aversão a determinados grupos sociais do que influenciou na aceitação e na inserção destes pela sociedade. Ademais, o texto aponta como uma das causas do fortalecimento de políticos de direita as políticas identitárias.

De certo modo, os apontamentos do autor fazem com que o leitor creia que o preconceito que tais grupos sofrem no dia a dia fossem, simplesmente, desaparecer com a construção de uma mentalidade de noção social e política que pudesse unificar e planificar os grupos de uma sociedade.

Lilla critica os grupos minoritários, pois, na sua visão, estes acabaram se mobilizando e se valendo das instituições políticas e públicas para a reparação de dívidas históricas, como a dívida oriunda da escravidão. Entretanto, tais entidades são os únicos mecanismos no estado democrático para construção de políticas. Concordar ou não com alguma política é uma decisão individual; apontar que um grupo se valeu de uma instituição para construção de alguma política é negar o princípio básico das democracias representativas modernas, que um conjunto de pessoas possa adentrar em um partido ou eleger representantes para defenderem os seus ideais no mundo político.

Antipolítica

Nesta etapa do livro, o autor desenvolve a ideia da aversão à política que camadas da sociedade desenvolveram por se sentirem deixadas de lado, em âmbito político, institucional, acadêmico, etc. Tais sensações seriam oriundas do enfoque dos democratas liberais em construir políticas para as minorias.

O culto a uma vida individualista está presente na cultura americana, e isso acaba refletindo no mundo político, nas construções de planos de governo. Neste processo de individualização de demandas e propostas, os representantes políticos não fogem da regra, porém esta linha de pensamento gera, como resultado, políticas identitárias que não respondem de forma total às reivindicações de uma sociedade.

Políticos como Donald Trump, antigo presidente dos Estados Unidos da América, perceberam as lacunas deixadas por políticas identitárias e lançaram planos de governo que se propuseram unir grupos do país em uma visão comum de nação, assim como o antigo presidente Ronald Reagan realizou. No caso específico de Donald Trump, este se aproveitou durante sua campanha eleitoral de 2016 para cooptar grupos esquecidos pelo Partido Democrata, pois o partido teria se focado, para conquistar votos, em grupos identitários e em políticas individuais com propostas que pudessem realizar uma reparação histórica, enquanto outras parcelas da sociedade eram deixadas de lado.

Isso tornou o público cada vez mais suscetível a alegação da direita de que o judiciário era apenas uma reserva imperial das elites instruídas. A acusação pegou, e a aprovação de nomeações para o judiciário tornou-se desde então um processo intensamente político-partidário, que a direita agora domina. Esses fatores se juntaram para convencer uma parcela cada vez maior da opinião pública de que, ainda que quisessem trabalhar juntos, a ação governamental seria ineficiente, cara demais, contraproducente ou descontrolada¹.

A indignação e o descontentamento dessa classe média branca retratada no livro chegam a pairar a indiferença com o mundo político, e se explica pela ideia de que estes grupos foram deixados de lado. Entretanto, não é perceptível pelos argumentos apresentados pelo autor do livro uma comparação básica entre o sentimento desta classe média e dos grupos minoritários, que não foi apresentada ou pensada pela sua capacidade de inviabilizar a teoria que defende. Durante fases anteriores da entrada do conceito de política identitária no mundo social, político e acadêmico, já poderíamos conceituar esta mesma sensação de abandono que a classe média atual declara sentir, pois ela já era vivenciada por grupos minoritários no passado. O sentimento de ser ignorado e deixado de lado foi inicialmente experimentado e continua existindo para as minorias, apesar dos avanços atuais. Fatos como as séries de perseguições estatais aos LGBTQIA+, antes e relativamente depois da revolta de *Stonewall*, ou a própria política de Apartheid nos Estados Unidos, que pregava o ideal de iguais desde que em ambientes diferentes, demonstram como as minorias foram deixadas de lado, excluídas e perseguidas ao longo da história.

Pseudopolítica

A ideia de uma política feita para poucos domina a abordagem do autor nesta etapa. Dentro desta, Mark Lilla tenta construir uma narrativa de que os liberais abdicaram da construção de um bem geral de sociedade para focarem em responder às dívidas históricas, que, até então, não encontravam respaldo nos poderes políticos capazes de produzir alterações na sociedade. Caminho este que, apesar de gerar avanços sociais, no fim de contas, gerou uma desagregação dos entes da sociedade, justamente por causar esse incômodo de um grupo se ver deixado para trás em relação a outro.

Era de esperar que, diante de uma nova imagem anti-política do país, os liberais revidassem com uma visão imaginativa, otimista, do que nós, como americanos, compartilhamos, e do que juntos poderíamos conseguir. Em vez disso, eles se perderam no matagal da política identitária e desenvolveram uma retórica da diferença – ressentida, desagregadora – para competir com ela².

O autor, em um pequeno trecho nesta etapa, apresenta um argumento que poderia ser muito bem encabeçado por conservadores brasileiros, mais especificamente o da vitimização, em que grupos são apontados como oportunistas por exigirem mudanças, por estarem descontentes com suas realidades sociais. Apontamentos estes que, assim como vários outros do livro, podem ser usados para se entender as diferenças entre os liberais brasileiros (conservadores de direita) e o autor Lilla, que se posiciona como liberal no molde americano, espectro este que se assemelha a social-democracia europeia.

¹ LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018. p. 34.

² LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018. p. 59-50.

Entretanto, dentro desta análise, até o exato momento, o autor poderia ser melhor encaixado na categoria de reacionário e conservador, por defender uma ideia que remontaria uma época de domínio masculino e branco frente aos outros grupos sociais. O autor realiza a defesa de um mundo sem políticas identitárias para grupos minoritários: “[...] ainda persistem ressentimentos entre os afro-americanos contra brancos que parecem decididos a arrastá-los para uma olimpíada de vitimização [...]”³.

A nova esquerda contribuiu para formulação de políticas de diminuição de diferenças, de apaziguamento nos embates entre grupos, mas, de certa maneira, assim como os grupos de estudos que formavam alunos na época do antigo presidente americano Ronald Reagan, a nova esquerda perdeu o controle desta política identitária. Este fato contribuiu para os acirramentos políticos internos, impedido o surgimento de uma noção de nação respaldada por um único conceito de identidade: de que todos seriam iguais frente ao estado e que merecem ser tratados desta forma. Uma das falhas do autor é não enxergar que toda política é identitária, antes mesmo da conceituação deste termo para o campo político da nova esquerda.

A política, na figura de leis e normas, é baseada em mandatos legislativos, ou seja, antes com parlamentos dominados por homens brancos, eles criaram políticas para sua própria classe, efetivando políticas de dominação frente a outros grupos⁴. Em suma, os políticos brancos criavam políticas que respaldavam os seus iguais, a noção de política identitária foi erroneamente atribuída a grupos de esquerda, já que antes mesmo da ascensão de tal onda política os seus rivais de direita formulavam teorias pensando em si próprios, no caso uma política identitária branca e masculina. Toda política é identitária, não importa o grupo social, seja ele formado por negros, mulheres, homens, brancos, etc., uma vez que a base da construção da política é justamente respaldar e defender as ideias de um grupo⁵. Um exemplo esclarecedor desta ideia seria o perdão das dívidas de igrejas, realizado no congresso brasileiro. Analisando esse caso, percebemos como grupos de deputados e senadores arquitetaram para a construção de uma política que pudesse gerar efeitos positivos para o grupo específico de religiosos.

Política

A partir do exposto, o autor aborda na sua análise uma reflexão de como o modelo político oriundo do presidente Ronald Reagan e as ideias identitárias da nova esquerda falharam como projeto de construção de uma noção de país, de sociedade. Por conta disso, vimos a ascensão de políticos como Donald Trump ao poder nos Estados Unidos. Este vácuo de projeto que pudesse unir as pessoas em torno de um bem comum de país acaba sendo capturado pelo primeiro político que enxergue esta lacuna, não importa seu espectro político.

³ LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018. p. 55.

⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

⁵ RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

Tal captura acaba sendo um jogo de “roleta russa” para a nação, pois coloca o poder sobre a mão de projetos sem base e sem perspectiva de futuro. Os liberais devem aproveitar o vácuo deixado por Donald Trump para realizar uma política efetiva, que possa conquistar a base da população deixada por ele. De forma urgente, os liberais necessitam construir um novo projeto político de nação. Ademais, as políticas construídas para grupos minoritários só possuem hipótese de prosperar se elegendo representantes para as instâncias políticas, já que os movimentos sociais, na visão do autor, não impactam tanto nas decisões dos políticos.

Por isso aqui vão alguns lembretes para os adeptos da identidade: Eleições não são reuniões de grupos de oração, e ninguém está interessado no seu depoimento pessoal. Não são sessões de terapia ou ocasiões para obter reconhecimento. Não são seminários ou “oportunidades de aprendizagem”. Não servem para denunciar degenerados e expulsá-los da cidade. Se o que você quer é salvar a alma dos Estados Unidos, cogite virar pastor. Se o que você quer é obrigar as pessoas a confessarem seus pecados e convertê-las, vista uma túnica branca e rume para o rio Jordão. Se está disposto a trazer o dia do Juízo Final para os Estados Unidos da América, torne-se um deus. Mas se o que quer é recuperar o país que está nas mãos da direita e promover mudanças duradouras em favor de pessoas que lhe são caras, trate de descer do púlpito⁶.

O autor demonstra uma profunda falta de empatia com grupos minoritários. De certa forma, ele pontua que o caminho para ascensão de políticos como Donald Trump seja culpa dos grupos minoritários e da esquerda liberal, que deveria ter focado na construção de um projeto de nação. Entretanto, que projeto de nação seria este em que teríamos uma nação que ignora demandas de grupos minoritários, que só foram geradas pelo profundo desprezo que as minorias vivenciaram no passado.

Além disso, o autor desconsidera a força dos movimentos políticos de minorias sociais na construção de ideias, no diálogo e no convencimento dos representantes políticos. No entanto, os movimentos políticos e sociais sempre serão importantes na construção de uma sociedade mais igualitária, e só apenas quando esta for alcançada que a concepção de uma nação com um ideal comum, defendida por Mark Lilla, poderá ser auferida. Nas sociedades modernas ocidentais, temos uma cultura baseada no ideal eurocêntrico, focada em homens cis brancos que buscam, por meio da política, preservar seu poder. Desta forma, a política identitária inicial não veio ao mundo para a reparação de dívidas históricas, junto aos movimentos de esquerda, mas sim para a perpetuação de desigualdades com a cultura colonizadora machista, branca e eurocêntrica.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

⁶ LILLA, Mark. **O progressista de ontem e do amanhã**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2018. p. 92-93.